

NA CELESC: TRABALHADORES DEBATEM MODELO DE GESTÃO

Celesquianos iniciam hoje, dia 29, debates sobre a empresa pública e o modelo de gestão participativa, no 9º Congresso dos Empregados da Celesc.

O evento vai até o dia 30, com palestra e debates que orientarão a atuação do Representante dos Empregados no Conselho de Administração da Empresa.

PG. 2



NA ELETROBRAS: TRABALHADORES PARALISAM EM DEFESA DA BOA GESTÃO

Trabalhadores da Eletrobras estão paralisados desde ontem, dia 28, por conta do impasse no pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) 2013

PG. 3



3 DIAS PARA DEBATER O FUTURO DA CELESC PÚBLICA

9º Congresso dos Empregados da Celesc inicia hoje, dia 29, com participação expressiva dos celesquianos

O 9º Congresso dos Empregados da Celesc têm início nesta quinta-feira. Aproximadamente 190 trabalhadores estarão em Laguna debatendo os rumos da Celesc pública e a importância da participação dos trabalhadores em uma gestão que priorize o bom atendimento à sociedade catarinense e as condições dignas de salário e trabalho para os celesquianos.

Além de presenciar palestras que dialogam diretamente com o modelo de gestão participativa e com os desafios do setor elétrico nacional, os trabalhadores se reunirão em grupos de trabalho, oferecendo sua visão e indicando os caminhos da atuação do Representante dos Empregados no Conselho de Administração da empresa.

As atividades iniciam com palestra do companheiro Leandro Nunes da Silva, da Intercel, sobre os Seminários Regionais realizados em 2013, como preparatórios para o 9º Congresso dos Empregados da Celesc.

Após esta introdução, os debates se dividem em 3 momentos. Os desafios dos sindicatos e os impactos do marco regulatório nas relações de trabalho serão debatidos pelos palestrantes Clemente Ganz Lúcio, Diretor Técnico do Dieese; Franklin Moreira, Presidente da Federação Nacional dos Urbanitários (FNU); e Daniel Passos, economista do Dieese e assessor econômico da Intercel.

O olhar da sociedade sobre os serviços prestados pela Celesc será o segundo momento do debate. Para isso estarão palestrando Thayrone Teixeira Tonelo, da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (FAESC); e Paulo Henrique Simon, presidente do Conselho de Consumidores da Celesc (CONCCCEL).

O terceiro momento é o olhar interno, com a palestra do Presidente da Celesc, Cleverton Siewert sobre os rumos da administração da maior estatal catarinense.

O Congresso dos Empregados é o principal evento para os trabalhadores pensarem a Celesc Pública, orientando as ações do Conselheiro eleito na luta por uma empresa cada vez mais pública, responsável socialmente e que respeite os trabalhadores, grandes personagens desta história de sucesso que é a Celesc.

CELESC PÚBLICA, BOM PARA TODO MUNDO



"Os trabalhadores se reunirão em grupos de trabalho, oferecendo sua visão e indicando os caminhos da atuação do Representante dos Empregados no Conselho de Administração da empresa"



Laguna | 29 a 31 de maio de 2014



TRABALHADORES DA ELETROSUL PARALISAM ATIVIDADES POR PLR E EMPRESAS FORTES

A paralisação foi encaminhada pelo Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE) e aprovada pelos trabalhadores em assembleias que ocorreram semana passada em todas as empresas da holding. As assembleias também indicaram que durante os três dias (72 horas) previstos de paralisação, os trabalhadores poderão a qualquer momento deliberar pela sua suspensão caso, a Eletrobras apresente uma proposta concreta para o pagamento da PLR de 2013, que contemple a reivindicação dos trabalhadores.

Segundo dirigentes sindicais que representam a Intersul, que estiveram reunidos com o CNE em Brasília - DF, no dia 25/05, a Eletrobras já apresentou uma proposta, que poderá ser colocada para apreciação da categoria no decorrer da paralisação, no entanto, esta proposta ainda pode ser modificada pela empresa em razão de uma contra-proposta do CNE. Uma representação dos sindicatos aguarda uma posição final da diretoria da Eletrobras e até lá a paralisação está mantida.

O ponto positivo identificado pelos dirigentes sindicais na proposta da Eletrobras, foi o afastamento da possibilidade de redução de benefícios do ACT por conta da negociação da PLR, no entanto a proposta apresentada faz distinção do valor de PLR entre as empresas do grupo e ainda estabelece uma parte a ser paga em formato de abono. Nesta situação, somente a PLR da Eletrosul e da Eletronorte, empresas que apresentaram lucro no balanço de 2013, teriam todo o valor distribuído a título de PLR, sem a necessidade de abono.

Até o fechamento desta edição, a Eletrobras ainda não havia apresentado a posição final sobre a contra-proposta dos sindicatos. A adesão à paralisação é boa em todo o país e a categoria está sendo informada constantemente por boletins e informes dos dirigentes sindicais.



"O ponto positivo identificado pelos dirigentes sindicais na proposta da Eletrobras, foi o afastamento da possibilidade de redução de benefícios do ACT por conta da negociação da PLR"



ASSEMBLEIAS REJEITAM PROPOSTA DE PLR 2014



Os trabalhadores da Celesc rejeitaram a proposta da empresa para a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) 2014. As assembleias realizadas pelos sindicatos que compõem a Intercel apresentaram aos celesquianos as intenções da empresa de diminuir o valor da PLR, não reconhecendo o empenho e dedicação dos trabalhadores em meio à grandes dificuldades enfrentadas ao longo deste ano. Em várias assembleias os trabalhadores também manifestaram o descontentamento com a modificação da sistemática de ganho relativa aos contratos de gestão e resultados, além de inquirir sobre a falta de avanço na linearidade do pagamento da PLR.

Com a rejeição da proposta, os trabalhadores outorgaram aos sindicatos da Intercel a responsabilidade de retomar a negociação com a Diretoria da empresa, buscando significativos avanços.

Os sindicatos que compõem a Intercel levarão os anseios da categoria à diretoria da empresa, deixando claro que num momento onde a pressão da sociedade sobre o trabalhador e cada vez maior pela falta de investimentos no setor elétrico; onde os trabalhadores se desdobram para manter um bom atendimento e preservar o nome da empresa, os celesquianos devem ser valorizados pela diretoria da empresa.



LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489) | Conselho Editorial: Davi Coelho
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

www.sindinorte.org.br
www.sinergia.org.br
www.sintresc.com.br
www.intersul.org.br

USAR A COPA PARA CONQUISTAR DIREITOS NÃO É CHANTAGEM. É OPORTUNIDADE

POR LEONARDO SAKAMOTO



Tenho conversado com colegas jornalistas que reclamam da estratégia de movimentos sociais e categorias profissionais que estão aproveitando a iminência da Copa do Mundo para trazer à rua suas pautas de reivindicações. Reclamam de um suposto oportunismo, transformando o poder público em refém.

Vamos por partes. Antes de mais nada, não vejo este momento como um retorno ao que aconteceu no ano passado. Já discuti por aqui que foram tantos os elementos conspirando a favor das catárticas jornadas de junho que será muito difícil vermos novamente, no curto prazo, aqueles mares de gente. De qualquer forma, junho de 2013 subiu o handicap. A percepção sobre o que é a rua e a sua função mudou.

Dito isso, acho que “confunde-se” oportunismo com aproveitamento de oportunidade. Os garis – que são de uma categoria profissional sistematicamente ignorada pelo poder público e que sofre preconceito de parte da população – foram perfeitos do ponto de vista estratégico, paralisando as atividades no momento em que o lixo do carnaval se acumulava nas ruas do Rio de Janeiro. Aeroviários e controladores de voo já escolheram as festas de final de ano para cruzarem os braços diante de melhores salários e condições de trabalho.

Erram eles? De maneira alguma. Qual outro período sua existência poderia ser melhor notada do que naquele em que mais se precisa deles? Deixar o protesto para quando o impacto for menor seria demonstrar uma falta de capacidade crônica de ler a conjuntura, para dizer o mínimo.

E isso não é monopólio do Brasil. Em muitos países, antes de grandes eventos, grupos trouxeram suas pautas a público, reivindicando aumentos ou direitos. Agora que a Copa se aproxima, categorias começam a se mexer. E quanto mais chances tiverem de atrapalhar o cotidiano das cidades-sede ou a imagem que se quer vender no exterior, maior poder de reivindicação terão.

Motoristas e cobradores de ônibus, metroviários, aeroviários, policiais e outros profissionais ligados à segurança pública, trabalhadores de hotéis e de turismo em geral, empregados de empresas de telecomunicações (no que pese a intensa terceirização ter fragilizado o potencial de organização desse último grupo) são os mais óbvios. Mas outros também poderiam aproveitar o timing de grandes eventos, como operários de fábricas de cerveja ou de indústrias de televisores.

Ou um grupo que muita gente não esperava, mas que está diretamente relacionado às críticas aos gastos públicos para a Copa do Mundo e ao proces-

so de gentrificação (grosso modo, o encarecimento e a segregação da vida na cidade): movimentos de trabalhadores sem-teto.

Estes acertaram o timing em cheio. Invisíveis em boa parte do ano, escolheram o momento em que podem ser um estorvo à imagem que o país quer vender lá fora. Ou à ordem que espera-se aqui dentro. Afinal de contas, se país rico é um país sem pobreza, o que esse bando de gente sem casa e que não tem nada a perder faz fechando as ruas?

A educação é um ponto interessante. Se por um lado, gostamos de afirmar que ela deve ser nossa prioridade número um, não é sentida e exercida como tal. Pelo contrário, esvaziamos tudo o que poderia levar à construção de uma educação realmente transformadora, apoiando iniciativas de pensa-

mento dentro da caixinha. Além do mais, paralisações de professores têm impacto limitado, talvez pelo fato da situação ser tão ruim que elas ocorrem com uma frequência necessária, mas que tira o “efeito novidade” presente nas marchas de sem-teto.

É claro que uma greve detona a vida do cidadão que mais precisa de serviços públicos. Só quem é muito toco ou nasceu em berço de ouro acha o contrário. Mas essa é exatamente a força de uma paralisação: forçar o poder público a se mexer. Greve não é linda e maravilhosa. Greve é uma droga, mas necessária, o que são coisas bem diferentes.

Nesse sentido, a greve mais impossível, mas também uma das mais imprevisíveis, seria uma geral de jorna-

listas durante a Copa. Impossível, porque jornalista não se vê como trabalhador. Ou, pior: acredita que sua “missão” é mais importante do que sua qualidade de vida (ei, falo por conhecimento e idiotice próprios) – missão essa relacionada, não raro, à dispensáveis informações que, não raro, veiculamos.

A maior parte dos jornalistas não só não faria nada que colocasse em risco seu papel de “ponte social” durante um grande evento e o seu emprego, como também critica sistematicamente as categorias profissionais que se valem de “oportunistas” para lucrar.

Por isso, como já disse aqui antes, quando crescer quero ser mobilizado e consciente como gari. Que são mais livres do que colegas que fazem beicinho diante de grevistas marchando para algum lugar.

Afinal, chantagem não é necessariamente o que grevistas fazem com a sociedade. É o que nós, jornalistas, muitas vezes fazemos com eles, através de discursos que não parecem análises ou relatos, mas sim releases de governos e empresas.

"Agora que a Copa se aproxima, categorias começam a se mexer. E quanto mais chances tiverem de atrapalhar o cotidiano das cidades-sede ou a imagem que se quer vender no exterior, maior poder de reivindicação terão"